

 FAMÍLIAS NUMEROSAS

**Antes do casamento, combinaram
respeitarem-se, serem honestos.
E ter sete filhos 'como prova de amor'**



Nomes com imaginação

Américo e Cristina Pinto Torres queriam ter sete filhos. Já vão em dez e o último nasceu na cozinha da casa de família. Uma experiência que querem repetir

Texto de **Marta Curto** Fotografias actuais de **Rodrigo César**

NÃO CONSIGO cansar-me dela, estamos sempre juntos e temos sempre vontade de estar juntos». Américo Pinto Torres já estivera noivo três vezes quando conheceu Cristina. Mas achou que ela era diferente: mais calada, misteriosa. Seria ela que o faria feliz. Em sete meses, Cristina foi pedida em namoro, depois em casamento e acabou por trocar alianças no dia 7 de Setembro de 1988. Sentiam os dois que o passo era importante, aquela relação era a missão mais importante das suas vidas.

Combinaram respeitar-se, serem honestos. E ter sete filhos. «Seriam a concretização da enorme paixão que sentíamos um pelo outro». E fizeram do número de crianças uma meta. Ela combinou que largaria a profissão de *designer* gráfica, ele prometeu que nunca a faria sentir-se como uma escrava da casa, marido e filhos. Cumpriram. Mas em vez de sete, tiveram dez filhos e nem ele, com 45 anos, ou ela, de 42, garantem querer parar por aqui.

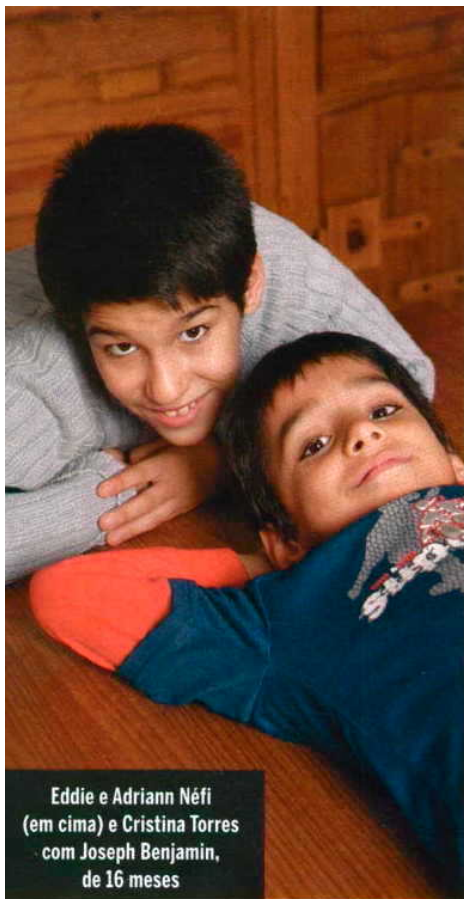
«No início achámos que éramos estéreis, demorei 14 meses

para engravidar», lembra Cristina, supondo que terá sido a ansiedade a trocar-lhes as voltas. Mal ouviram da médica que não havia nenhum problema físico, o Mosiah apareceu.

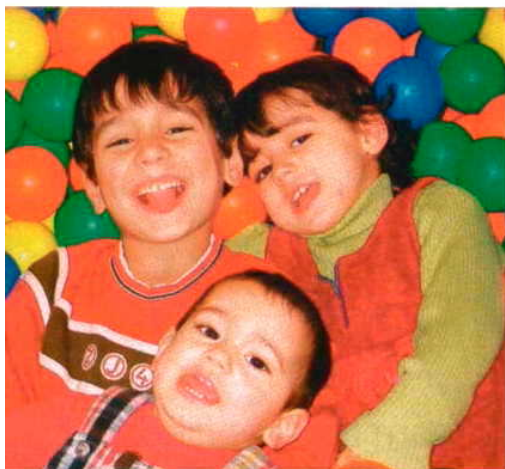
Nomes escolhidos a dedo

Mosiah Alexandre é um nome pouco comum mas faz parte de uma lista invulgar que tanto Cristina como Américo adoram. Katiuska, Lara Lycia, Diego Giovanni, e a lista continua. Escolheram-nos por gostarem da sonoridade, em homenagem a pessoas que amam, e «o →

Em cima, Jared Dann, de três anos. Na página ao lado, a família reunida na cozinha onde o mais novo, Joseph Benjamin, nasceu



Eddie e Adriann Nêfi
(em cima) e Cristina Torres
com Joseph Benjamin,
de 16 meses



Os nomes das crianças são invulgares, escolhidos pela sonoridade, ou como homenagem

nome da Ariel foi escolhido pelas crianças, porque adoraram **A Pequena Sereia**», explica Cristina. Quando Adriann Nêfi nasceu, o casal lembrou-se da promessa dos sete. Estava cumprida. Pensaram em fazer uma vasectomia, **«mas algo muito forte nos impediu»**, lembra Américo. E veio assim Jaredynne que sempre se pensou ser um rapaz mas que à última hora veio menina. **«E pela primeira vez tínhamos feito um enxoval, estava tudo preparado para ser um rapaz. Ainda por cima foi cesariana...»**, explica a mãe, recordando que a recuperação foi muito complicada. Era a primeira vez que passava por aquela intervenção e não se

sentia como antes. Tinha dores, e mais do que tudo sentia que passara por uma cirurgia sem necessidade. **«Foi então que descobri o mundo»**, lembra o marido.

Nascimento sem trauma

Américo não se conformava com o sofrimento da mulher à custa da cesariana. A Internet deu-lhe a resposta sob a forma da humanização do parto. O conceito era-lhes totalmente desconhecido e passava pelo respeito da vontade da mãe, do que ela queria, da forma menos traumatizante de passar por um parto. **«Percebemos que os procedimentos dos hospitais iam contra tudo o que a Orga-**

nização Mundial de Saúde recomendava. Quisemos trazer a ideia para Portugal, já que todos os sites que existiam eram estrangeiros», explica Américo, acrescentando que a Associação para a Humanização do Parto que fundaram **«é como um segundo filho»**.

Nessa altura receberam um telefonema. O casal sempre tinha pensado em ter seis filhos biológicos e um adoptado. Tinham entrado com os papéis há quatro anos, mas só naquele momento receberam uma resposta – um rapaz de sete anos. Disseram que sim, mantinham a vontade de adoptar. Afinal a realidade já não estava a ser fiel ao projecto. Em vez de seis filhos biológicos e um adoptado, já tinham oito biológicos, que viesse o nono adoptado. Ficou com o nome de Eddie, **«que ele próprio escolheu»**, conta a mãe, pegando no mais novo, de 16 meses, ao colo. Joseph foi o concretizar de tudo: da Humanização do Parto e da vontade de ter mais um bebé. Nasceu em casa. No sofá da cozinha onde hoje a família se junta num caos organizado e onde cada um tem um papel a desempenhar. 